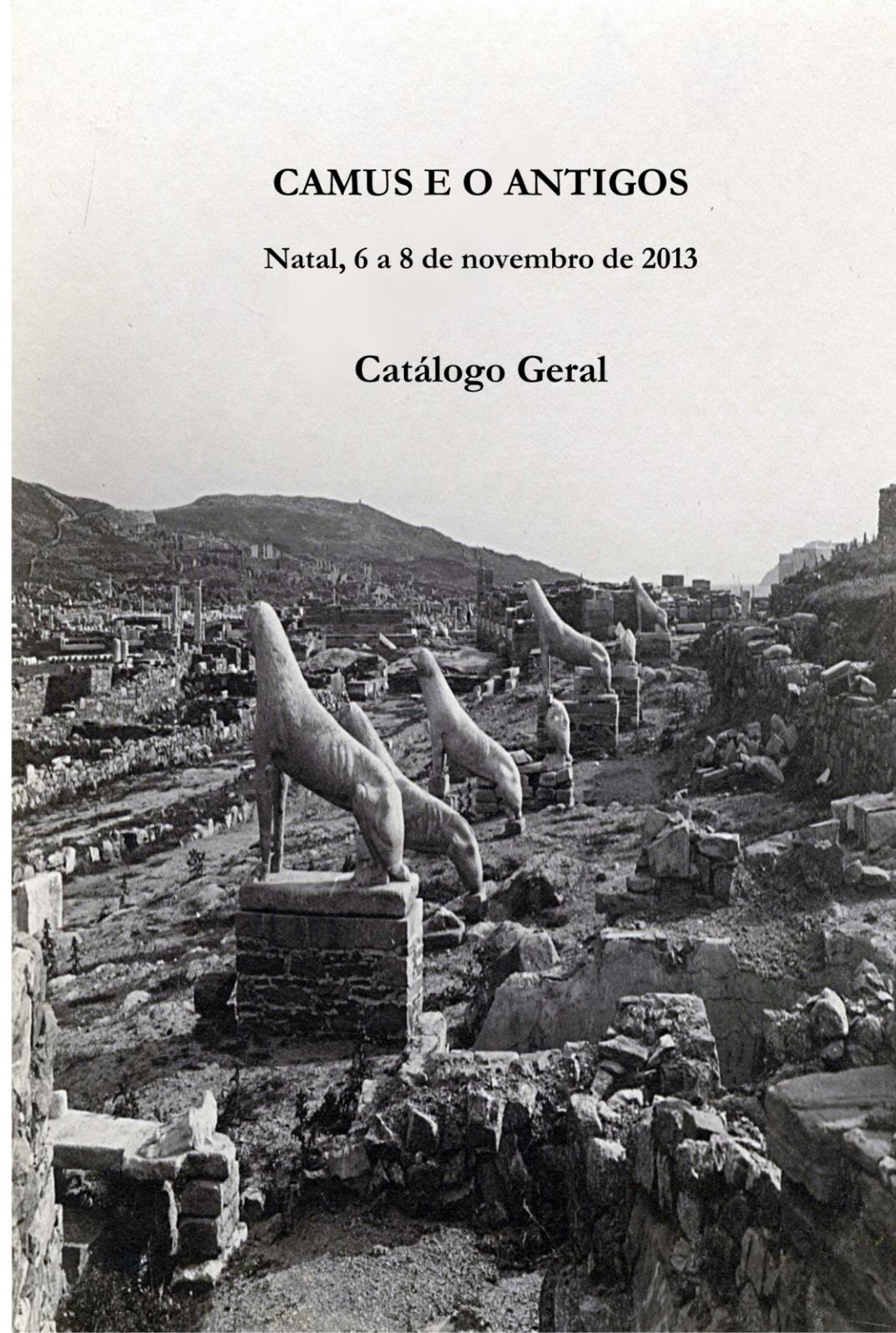


CAMUS E O ANTIGOS

Natal, 6 a 8 de novembro de 2013

Catálogo Geral



Colóquio PRAGMA-UFRJ/PPGFIL-UFRN

CAMUS E O ANTIGOS

**Cidade de Natal
6 a 8 de novembro de 2013**

Catálogo Geral

Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Programa de Estudos em Filosofia Antiga
Seminário de Estudos Clássicos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRJ

Reitor

Carlos Antonio Levi da Conceição

Vice-Reitor

Antonio José Ledo Alves da Cunha

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Débora Fogel

Diretor do IFCS

Marco Aurélio Santana

Chefe do Departamento de Filosofia

Rafael Haddock-Lobo

Coordenador do PPGLM

Guido Imaguire

Coordenador do Pragma

María das Graças de M. Augusto

UFRN

Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

Pró-Reitor de Extensão

Edmilson Lopes Júnior

Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Herculano Ricardo Campos

Chefe do Departamento de Filosofia

Sérgio Luis Rizzo Dela Sávía

Coordenador do PPGFIL

Markus Figueira da Silva

I Colóquio PRAGMA-UFRJ/PPGFIL-UFRN

Camus e os Antigos

Comissão Organizadora

Admar Almeida da Costa, UFRRJ

Antonio Carlos Luz Hirsch, UFRJ

Alice Bitencourt Haddad, UFRRJ

Maria das Graças de Moraes Augusto, UFRJ

Markus Figueira da Silva, UFRN

Projeto gráfico

Alice Haddad, UFRRJ

Washington Lessa, ESDI

Promoção

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRN

Programa de Estudos em Filosofia Antiga do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ

Apoio

Zétesis - Grupo de Pesquisa em Filosofia Antiga e Tradição da UFRRJ

www.pragma.ifcs.ufrj.br

e-mail: pragmaufrj@gmail.com

Anotações

Participantes

Admar Almeida da Costa – UFRRJ

Alexandre Schmitt – UGF

Alice Bitencourt Haddad – UFRRJ

Antonio Carlos Luz Hirsch – PRAGMA-UFRJ

Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira – UFCA

Edrisi Fernandes – UFRN e UnB

Maria das Graças de Moraes Augusto – UFRJ

Maria de Fátima Silva – CECH, Universidade de Coimbra

Markus Figueira da Silva – UFRN

Monalisa Carrilho de Macedo – UFRN

Olimar Flores-Júnior - UFMG

Sumário

Programa.....	7
Resumos.....	10
Participantes.....	16
Anotações.....	17

Nous levons l'ancre pour Délos. La mer est belle, transparente et pure au-dessus des fonds qu'on aperçoit déjà. En approchant de Délos nous apercevons sur les premières pentes de l'île d'énormes grappés de coquelicots.

Délos. L'île des lions et des taureaux dont la représentation couvre l'île des animaux, car il faut y ajouter les serpents [...] et les lézards au corps sombre mais à la queue et la tête vert clair et les dauphins des mosaïques. Le marbre dont sont faits les lions s'est érodé et grêlé sous l'action de l'érosion, si bien qu'ils ont l'air faits de sel gemme, un peu fantomatique, tant on a l'impression que la première pluie les dissoudra. Mais cette île des lions et des taureaux est aussi couverte d'ossements bruns et fiabes que sont les ruines, sous ces ossements, soudain, d'admirables et fraîches découvertes (mousaïques de Dionysos au repos).

Albert Camus, *Cahier VIII*, 1955.

a obscuridade do gabinete (e da mundanidade artificial e conveniente que lhe foi extensiva na Paris do pós-guerra) como espaço de reflexão sobre a vida com a vida mesma, vivida ou possível, sob o sol mediterrâneo. Por outro lado, no plano da história da filosofia, a escolha de Camus redundou num tipo de marginalidade, involuntária talvez, mas assim mesmo assumida: avesso à formatação institucional, fiel às próprias origens e pouco disposto a transigir sobre suas convicções mais profundas em nome de uma acomodação de momento, Camus se viu circunscrito à categoria diminuta dos filósofos para colegiais, para retomar a conhecida etiqueta que lhe colou Brochier (J.-J. Brochier, *Camus, philosophe pour classes terminales*, 1970), prolongando a reputação de pensador superficial e crítico apressado de que foi vítima ainda em vida e de que nem a concessão do prêmio Nobel de literatura em 1957 pode protegê-lo. A polêmica que instalou Camus entre o reconhecimento e a difamação por parte de seus pares pode, num certo sentido, ser comparada àquela que na Antiguidade envolveu os filósofos ligados à tradição cínica. O presente estudo buscará mostrar que para além das similitudes relativas à recepção e a despeito das poucas referências explícitas de Camus ao cinismo antigo, é possível traçar um paralelo entre o pensamento do autor de *O Homem revoltado* e aquilo que a literatura antiga nos transmitiu sob o nome de Diógenes de Sínope e seus seguidores. Nesse sentido, longe de sugerir uma dependência histórica ou uma improvável filiação doutrinal entre os dois termos postos em comparação, pretende-se acenar com uma forma de “simpatia” entre duas filosofias separadas no tempo por quase vinte e quatro séculos.

seu desabar imprevisto e radical. O fenómeno é considerado por ambos os autores nas suas características: na forma como penetra e se manifesta, de modo subreptício, numa comunidade e no aparato dos seus sintomas e consequências. Mas por trás dos acontecimentos de superfície, há um objectivo mais profundo a valorizar: em ambos os textos se desvendam as contradições entre o sentido da vida e a tomada de consciência da inevitabilidade da morte.

Markus Figueira da Silva

Camus e o estranho gozo de Epicuro

Por que Camus escolhe Epicuro e Lucrecio como "pensadores da transição" entre o mundo grego e o cristão? Por que ele afirma ser aí que a revolta começa a encontrar a sua linguagem? Camus nos fala de um Epicuro triste que vislumbra um estranho gozo de viver. O que se pretende aqui é discutir a interpretação de Camus acerca das noções pinçadas em algumas citações de Epicuro e de Lucrecio no segundo capítulo de *O Homem Revoltado*.

Monalisa Carrilho de Macedo

Algumas observações sobre a Gnose camusiana

Esta comunicação tentará analisar o segundo capítulo da monografia de 1936, dedicado à Gnose, a partir da contextualização de suas fontes bibliográficas, de suas relações com o helenismo e o cristianismo, e, finalmente, da interpretação camusiana de alguns temas próprios ao pensamento gnóstico.

Olimar Flores-Júnior

Elementos do cinismo diogeniano na obra de Albert Camus

A obra de Albert Camus se reparte essencialmente entre ensaios, narrativas de ficção (ou autobiográficas) e teatro. Trata-se portanto de uma obra *filosófica* que recusou a forma académica do tratado e das demonstrações teoréticas, recusando ainda, no mesmo movimento, a dialética como sistema e a universalidade imóvel e abstrata dos conceitos como instrumento para explicar o real; em contrapartida, ela elege o domínio do corpo sensível como vetor de toda experiência, sem portanto se deixar reduzir à mera expressão de um materialismo ortodoxo. No plano das metáforas – que neste caso emergem do fundo accidental da biografia mesma do autor – a filosofia de Camus equilibrou

Programa

6 de novembro de 2013

- | | |
|-------------|--|
| 9h | Abertura |
| 9h15-12h | <i>A tragédia e o equilíbrio dos géneros</i>
Maria de Fátima Sousa e Silva
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra |
| 12h-15h30 | Almoço |
| 16h-17h30 | <i>O Estrangeiro</i> , de Luchino Visconti |
| 18h-18h45 | <i>Camus e Tucídides. O eterno retorno da História</i>
Maria de Fátima Sousa e Silva
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra |
| 18h45-19h30 | <i>A peste na tradição literária grega e a sua influência na construção de A Peste</i> , de Albert Camus
Alexandre Schmitt
Universidade Gama Filho |
| 19h30-19h45 | Intervalo |
| 19h45-20h30 | <i>Elementos do cinismo diogeniano na obra de Albert Camus</i>
Olimar Flores-Júnior
Universidade Federal de Minas Gerais |
| 20h30-21h | Debate |

7 de novembro de 2013

- | | |
|--------|---|
| 9h-12h | <i>A tragédia e o equilíbrio dos géneros</i>
Maria de Fátima Sousa e Silva |
|--------|---|

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra

- 12h-15h30 Almoço
- 15h30 *O Primeiro Homem*, de Gianni Amelio
- 16h-17h Debate
- 18h-18h30 *Camus e o estranho gozo de Epicuro*
Markus Figueira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- 18h30-19h *Antes do exílio ou a escolha de Odísseu*
Admar Almeida da Costa
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- 19h-19h30 Debate
- 19h30-20h *Os Gregos, grandes aventureiros da inteligência*
Antonio Carlos Luz Hirsch
Programa de Estudos em Filosofia Antiga - UFRJ
- 20h-20h30 *Camus e a Antiguidade Mediterrânica*
Edrisi Fernandes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade de Brasília
- 20h30-21h Debate

8 de novembro de 2013

- 9h-12h *A tragédia e o equilíbrio dos géneros*
Maria de Fátima Sousa e Silva
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra
- 12h Almoço

um artigo intitulado *Mediterranean Humanism or Colonialism with a Human Face? Contextualizing Albert Camus's 'The New Mediterranean Culture'* (junho de 2006; revisitado em uma palestra na *University of Central Lancashire*, 2009), apresentou como o “humanismo mediterrânico” de Camus, também percebido na segunda parte de *L'Homme révolté* (1951).

Maria das Graças de Moraes Augusto

Como fixar o fluxo do que se escreve sem trégua sobre o mar? Uma reflexão sobre o pensamento e a ação na obra de Albert Camus

A obra de Albert Camus é marcada por duas expressões que indicam, enfaticamente, suas raízes gregas: o absurdo e a revolta. O absurdo, explicitamente demarcado pelos *érga* de Sísifo, é estruturado em função da copertinência entre *mýthos* e *lógos*, e, a revolta, “oferecida aos raios e aos trovões de Zeus”, será conformada partir da ação radical de Prometeu contra a injustiça. Sob a ótica dessas duas perspectivas e de suas interconexões podemos constatar que, seja na obra filosófica – à revelia de sua equivocada recepção nos ambientes filosóficos –, seja em sua obra literária – nos romances, nos contos, no teatro –, ou ainda em sua obra ensaística – do periodismo às conferências e notas de viagem –, a estreita relação entre ‘virtude e justiça’ é o ponto fulcral de toda a compreensão camusiana acerca do homem e de sua condição, donde refluem os temas chaves de sua reflexão: “l'étranger”, “les noces”, “la peste”, “l'énigme”, “l'exil d'Hélène”, “la pensée de midi”, “le malentendu”, “les justes”, “la chute”, “le Minotaure”. Nesse sentido, nosso objetivo será o de mostrar como a conjuntiva ‘virtude-justiça’ determina, em toda a reflexão camusiana, uma veia platônica profunda, impressa tanto em suas escolhas formais, quanto em sua ‘crença ateia’, consubstanciada na justiça como regra de vida, mediada pela coalescência entre pensamento e ação.

Maria de Fátima Silva

Camus e Tucídides. O eterno retorno da História

A Peste de Camus estabelece com a descrição da peste em Atenas, feita por Tucídides na História da Guerra do Peloponeso, um diálogo evidente. Antes da abordagem da epidemia – histórica em Tucídides e simbólica em Camus – ambos os textos desenharam o perfil da cidade afectada, captado no seu apogeu ou, pelo menos, no seu quotidiano normal. Dentro dessa sequência, o mal recebe um sabor 'trágico', pelo

O objetivo deste trabalho é propor um diálogo entre a experiência da caverna de Platão e a conquista do pensar camusiano que “não é mais unificar, tornar familiar a aparência sob o rosto de um grande princípio”, mas “reaprender a ver, a ser atento”, “fazer de cada ideia e de cada imagem [...] um lugar privilegiado” (*O Mito de Sísifo*).

Edrisi Fernandes

Camus e a Antiguidade Mediterrânea

Nossa comunicação apresenta Albert Camus como um típico representante de uma cultura híbrida e como pensador do hibridismo cultural de sua região originária, o Mediterrâneo. Como norte-africano (argelino) de cultura europeia, Camus cedo passou a excogitar sobre as relações entre metrópole e colônia, origem e destino, tradição e reforma, investigando a história das relações entre Roma e a Zeugitânia (com as ruínas de Cartago a lhe sugerirem importantes reflexões), o helenismo e o cristianismo, a matriz cultural francesa e o ambiente magrebino. Sua dissertação para obtenção do diploma de estudos superiores em letras, na área de filosofia (1936), teve por título *Entre Plotin et saint Augustin* (depois renomeada, na edição definitiva, *Métaphysique chrétienne et néoplatonisme*). Essa investigação tratava principalmente da forma como a cristandade reagiu aos valores da Grécia antiga, em confronto e transformação assimiladora, mas também abordou a forma como dois norte-africanos que viveram em épocas de grandes transformações, Plotino de Alexandria e Agostinho de Hipona (atual Annaba, na Argélia), pensaram o mundo em que viveram e o modificaram através da influência de seu pensamento. Analisamos alguns aspectos dessa dissertação, comentando-a com o apoio da introdução, por Ronald Srigley, à sua tradução da mesma (2007), e mostramos sua relação com outras obras de Camus. Procedemos, então, a uma apreciação do texto do discurso proferido por Camus na conferência inaugural da *Maison de la Culture de Algiers* (em 8/02/1937) – *La culture indigène: la nouvelle culture méditerranéenne* –, no contexto de sua percepção da antiguidade mediterrânea, dialogando com sua recente edição comentada (na obra de Neil Foxlee, *Albert Camus's "The New Mediterranean Culture": a text and its contexts*; 2010). Por fim, discutimos ideias da dissertação de 1936 e da conferência de 1937 à luz da obra *Albert Camus et le destin algérien*, de Aïcha Kassoul e Mohamed Lakhdar Maougal (2006), revelando sua articulação com aquilo que Foxlee, em

18h- 18h30	<i>Algumas observações sobre a Gnose camusiana</i> Monalisa Carrilho de Macedo Universidade Federal do Rio Grande do Norte
18h30- 19h	<i>Platão sob o sol do meio-dia</i> Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira Universidade Federal do Cariri
19h- 19h30	Debate
19h30- 20h	<i>Justiça e utopia n'Os Justos de Camus</i> Alice Bitencourt Haddad Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
20h- 20h30	<i>Como fixar o fluxo do que se escreve sem trégua sobre o mar? Uma reflexão sobre o pensamento e a ação na obra de Albert Camus</i> Maria das Graças de Moraes Augusto Universidade Federal do Rio de Janeiro
20h30- 21h	Debate

Resumos

Admar Almeida da Costa

Antes do exílio ou a escolha de Odisseu

Este trabalho investiga o significado da escolha de Odisseu – quando decide sair da ilha de Calipso, no livro V da *Odisseia* – dentro da compreensão de mundo e da cultura grega expostas por Camus, especialmente, nos ensaios: “Mito de Sísifo” e o “Exílio de Helena”. Guia-nos, por um lado, a indagação sobre a possível impiedade presente na escolha de Odisseu, quando comprada à de Sísifo e, por outro, a justificativa dessa escolha em um mundo que ainda não havia exilado a beleza.

Alexandre Schmitt

A peste na tradição literária grega e a sua influência na construção de A Peste, de Albert Camus

Este trabalho tem como objetivo elencar algumas características essenciais dos relatos sobre a peste na tradição literária grega e evidenciar como tais elementos são utilizados por Albert Camus na elaboração de *A Peste*. Procurar-se-á analisar em que medida Camus mantém-se fiel a essa tradição e em que medida ele a inova.

Alice Bitencourt Haddad

Justiça e utopia n'Os Justos de Camus

Em 1949, monta-se, pela primeira vez, *Os Justos*, peça escrita por Camus, no Teatro Hébertot em Paris. O enredo se passa em Moscou, 1905, quando um grupo de revolucionários socialistas organiza e executa um atentado a bomba contra o grão-duque Sérgio, tio do Czar. A história de fato ocorreu e Camus se pretendeu fiel, como diz em nota numa edição da Gallimard, sem, entretanto, ter escrito uma peça histórica. Os personagens existiram e se conduziram como apresentados literariamente, mas o que parece mover a escrita de Camus e sua pretensão de fidelidade é o tema da revolta justa e dos esforços que ela exige. *Os Justos* tem como herói, na acepção do próprio autor, Kaliayev, um poeta, que comete um assassinato a fim de cumprir seu papel na revolução. O que pretendemos abordar neste trabalho é o embate, que ocorre em diversos momentos da peça, entre o ideal

revolucionário dos terroristas, com sua justiça utópica, e a justiça consolidada, a maneira como ela se revela nos fatos, em sua concretude sem lirismos – tema, a nosso ver, que se manifesta ao leitor da *República* de Platão, de onde partimos para algumas de nossas reflexões.

Antonio Carlos Luz Hirsch

Os Gregos, grandes aventureiros da inteligência

O ensaio de Camus intitulado *Sur une philosophie de l'expression* (*Sobre uma filosofia da expressão*), publicado em 1944, foi motivado pelas publicações do amigo Brice Parain dedicadas a analisar o problema da linguagem. Dentre estas obras destaca-se um livro especificamente dedicado a examinar a questão do *lógos* em Platão, editado em 1941. Em seu texto Camus se refere aos gregos como “grandes aventureiros da inteligência” (“*grands aventuriers de l'intelligence*”). Este epíteto, ao mesmo tempo carinhoso e bem humorado, me parece ter também um sentido mais técnico, ligado à intenção de delimitar um tempo e um lugar onde o homem foi livre para exercer sua excelência, o que para Camus significa um movimento ao mesmo tempo de plenitude e de limite. Em *L'Homme Révolté*, surgido em 1951, o escritor emprega a expressão “os grandes aventureiros do absurdo” (“*les grands aventuriers de l'absurdé*”) para se referir àqueles que pretenderam se manter no absurdo, negligenciando a característica mais elementar desta experiência que, segundo ele, consiste em ser “uma passagem vivida” ou “um ponto de partida”. Camus ressalta na ocasião que a única atitude coerente para se manter no absurdo seria a opção pelo silêncio. Desta maneira, ele conclui que o absurdo considerado como regra de vida é paradoxal. Mesmo assim, diz ele, nunca faltaram “grandes aventureiros do absurdo”. Pode-se de imediato suspeitar que o epíteto cunhado por Camus é fruto do propósito de abordar os gregos segundo um senso particular, estranho à tradição da racionalidade que moldou o homem moderno. A aventura é uma experiência marcada pela contingência normalmente aliada à sorte e não à inteligência. Meu propósito neste trabalho reside em examinar o teor do epíteto “grandes aventureiros da inteligência”, levando em consideração seu sentido tanto sentimental quanto filosófico.

Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira

Platão sob o sol do meio-dia